

## **TIÃO ANDRADE: A FORMAÇÃO E INSERÇÃO NA DOCÊNCIA DE UM GRANDE VIOLISTA E ARRANJADOR DO CELF**

### ***TIÃO ANDRADE: LA FORMACIÓN E INSERCIÓN EN LA ENSEÑANZA DE UN GRAN GUITARRISTA Y ARREGLISTA DEL CELF***

Daniel Bruno Oliveira Lopes<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

Este artigo consiste em trazer uma narrativa feita pelo professor Tião Andrade<sup>2</sup>, com intuito de resgatar suas memórias através de relatos sobre a sua formação e início na carreira musical, tanto como docente do Conservatório de Música Lorenzo Fernandez, quanto como violonista e arranjador. Para isto foi utilizado como método de abordagem uma pesquisa qualitativa com uma entrevista narrativa, o resultado desta gerou os principais dados e base deste trabalho.

**Palavras-chave:** CELF. Entrevista narrativa. Tião Andrade.

#### **ABSTRACT**

Este artículo consiste en traer una narración realizada por el profesor Tião Andrade, con el fin de rescatar sus recuerdos a través de informes sobre su formación e inicio de su carrera musical, tanto como profesor del Conservatorio de Música Lorenzo Fernández, como guitarrista y arreglista. Para ello se utilizó como método de abordaje una investigación cualitativa con una entrevista narrativa, el resultado de esta generó los datos principales y base de este trabajo.

**Palabras clave:** CELF. Entrevista narrativa. Tião Andrade.

#### **INTRODUÇÃO**

Tião Andrade é violonista e professor há várias décadas no Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez (CELF), dono de uma técnica apurada para executar músicas dos mais variados gêneros e níveis de dificuldade, é um docente com dedicação notória e experiência inquestionável. Foi um dos primeiros professores de violão clássico do

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. E-mail: [danshinoda1@yahoo.com.br](mailto:danshinoda1@yahoo.com.br), Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4700079651974306>.

<sup>2</sup> Tião Andrade nasceu na comunidade de Santa Rosa de Lima e cresceu em Montes Claros. Iniciou no violão bem jovem e, no Conservatório de Música Lorenzo Fernandez participou do Instrumental Marina Silva, do grupo Banzé, do grupo de choro Geraldo Paulista e está sempre se reunindo com um grupo para exercitar o violão. Participa como aluno ou docente no conservatório a cerca de 40 anos.



CELF. Possui um acervo de arranjos de autoria própria, estes feitos visando uma melhor experiência docente e adaptação as dificuldades e particularidades encontradas em cada aluno. Fez a narrativa da sua história no dia 27/12/2018 no próprio conservatório.

O Conservatório Estadual de Música Lorenzo Fernandez, foi fundado em 1960 por Marina Helena Lorenzo Fernandez Silva (1926). Segundo o site oficial do conservatório, o mesmo no seu início era uma Escola de Música. O CELF transformou-se em Conservatório Municipal em 1961, na gestão do prefeito da época Dr. Simeão Ribeiro Pires, logo em seguida, em março de 1962 foi estadualizado, pelo Governador Magalhães Pinto.

Em uma consulta ao seu site oficial, é possível averiguar que atualmente o CELF atende uma demanda aproximada de 4.500 alunos, estes matriculados entre os cursos de Canto, Decoração, Instrumento (Bateria, Clarinete, Flauta Doce, Flauta Transversa, Piano, Saxofone, Teclado, Trompete, Violão, Violino, Violoncelo) e Musicalização. Possui cerca de 212 profissionais, aos quais entre eles estão professores e especialistas, além de 48 funcionários dentre Assistentes Técnicos da Educação e Auxiliares de Serviços da Educação Básica.

Esta pesquisa tem como objetivo identificar as características na formação e na prática docente de um músico com ampla bagagem tanto no campo da docência quanto no campo prático, de trabalho como instrumentista. Para isso, busca perceber e relatar qual impacto essa prática e dedicação para aperfeiçoamento no seu instrumento tem na sua atividade e relações interpessoais da docência; também busca entender quais estratégias são utilizadas para alcançar um resultado satisfatório frente às necessidades dos discentes; e quais caminhos formativos se mostrou necessário no decorrer da prática docente.

O trabalho se mostra de grande importância ao levarmos em consideração que refletir sobre formações docentes a partir de sua vivência, mostrando dificuldades, erros e acertos dentro e fora do campo educacional, pode trazer inspirações e lições de suma importância para a reflexão de outros docentes já experientes e em formação, agregando ao seu conhecimento e os fazendo pensar e repensar sua prática.

Assim, para esta pesquisa o caráter escolhido foi a pesquisa qualitativa; a pesquisa qualitativa tem como características em sua maioria das vezes, o levantamento de dados a respeito de motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, e a opinião e expectativas dos indivíduos a respeito de um fenômeno ou situação. Ela é exploratória, o que faz com que “não tenha como intuito o levantamento de números como resultados e, também por estimular o entrevistado a pensar e a se expressar livremente sobre o assunto em questão” (DUARTE, 2015 p.1).



É possível afirmar que a pesquisa qualitativa se torna a opção ideal quando se quer relatar algum acontecimento, valorizando tudo o que é dito pelo entrevistado sem deixar de observar, além disso, todo o contexto ao qual o objeto está inserido:

Ao trabalharmos em pesquisas com abordagem qualitativa priorizamos a investigação voltada à produção de dados descritivos, onde são valorizadas as próprias palavras das pessoas, faladas ou escritas e a conduta observável [...] Este tipo de investigação possui determinadas características que lhes são bem específicas. Os dados obtidos são “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas” (BOGDAN, 1994 *apud* ARAUJO, 2015, p.16).

Especificamente sobre a entrevista Narrativa, ela é um tipo de abordagem utilizada como instrumento de investigação dentro da pesquisa qualitativa. Tem como característica estimular o entrevistado (de forma implícita) a relatar sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. É feita através da reconstrução de acontecimentos, empregando com uma interferência mínima por parte do entrevistador uma comunicação cotidiana de contar e escutar histórias (MUYLAERT, *Et.al*, 2014).

Através de uma entrevista narrativa é possível emergir de uma forma mais intensa no que está sendo relatado, assim, ocorre uma captura de sentimentos para além do que somente está sendo “escutado”. Isto é, é caracterizada por uma rica captação de detalhes, que podem vir através de uma observação de gestos, expressões faciais, entre outras formas de demonstração de sentimentos observadas pelo entrevistador.

Outra característica importante da narrativa é que o narrador devido à memória seletiva relata aquilo que é lembrado por ele, o que está registrado em suas memórias; e esta lembrança representa aquilo que “pode” ser lembrado. Ou seja, que alguns eventos deliberadamente ou inconscientemente serão esquecidos, além do mais, o relato diz a respeito do fato em sua perspectiva, isto é, do que é real para ele, do que sua mente analisou e registrou sobre o assunto (MUYLAERT, *et.al*, 2014).

Assim, os dados obtidos através da entrevista narrativa representam o pensamento exclusivo de quem relata, e mesmo que em suma maioria das vezes seja intensa e rica em detalhes, ainda é a representação do pensamento do entrevistado. Dessa forma, não cabe comprovação e não podem ser julgadas como verdadeiras ou falsas, “pois expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio-histórico” (MUYLAERT, *et.al* 2014, p.195).

Para este trabalho foi utilizado algumas perguntas norteadoras, como: como se deu a sua inserção na docência? Como foi a sua formação para atuar como docente? Quais critérios utilizavam para selecionar os professores do CELF? Entre outras que pudessem ser necessárias durante a narrativa cedida por Tião Andrade. Fazer perguntas a respeito das



trajetórias em diversos aspectos à sujeitos que têm ampla carga de experiência de profissão e vida se mostra uma ótima maneira de desencadear um material produtivo para análise. Levando em conta que toda essa entrevista foi registrada através de uma gravação de áudio (para posteriormente ser transcrita com fidelidade), fica ainda mais acentuada a eficácia da escolha; há também alguns registros em fotos de alguns arquivos do material produzido e utilizado pelo professor.

## INÍCIO DE SUA FORMAÇÃO E CARREIRA COMO ARTISTA MUSICAL

Ao iniciar a narrativa, a pergunta desencadeadora era a respeito da sua inserção na docência, porém, felizmente Tião sentiu a necessidade de retomar um pouco mais. A impressão que ficou é que se sentiu mais confortável ao narrar todo o contexto que o levou até o conservatório, inicialmente como estudante, e posteriormente na docência. Com uma riqueza de detalhes, ele introduziu a história dos seus primeiros passos no violão profissional, relatando também um pouco de seus tempos de ensino médio.

Tião conta que começou a tocar violão profissionalmente ainda adolescente, com cerca de 16 anos, quando, na ocasião, ainda estudante do segundo grau (hoje ensino médio), participou de um festival de música organizado por sua professora de Artes na escola.

*Bom, eu era músico assim já, comecei por volta de 16 anos. E logo eu comecei a tocar profissionalmente... Eu estudava em um colégio, que eu tinha uma professora de educação artística, e ela costumava todo final de semana, na sexta, fazer uma programação que eles chamavam de “grêmio”, digamos um grêmio recreativo, onde ela selecionava uns alunos, que ela sabia que tinha algum talento, que ela já conhecia, e selecionava porque ela era da área da música e era professora do conservatório. Aí ela me utilizava muito para tocar, eu e um outro colega meu que já inclusive estudava no conservatório nessa época. E eu até então nem percebia o conservatório nessa época. Aí um dia ela arrumou um concurso, um festival de música no Marista, aí ela ficou no meu pé: “O Tião, faz uma música para você participar”, e eu nunca tinha feito música, aliás nunca me considerei com esse dom, nunca gostei das minhas composições. Mas ela ficou insistindo, né, aí um belo dia mais para livrar da pressão dela eu fiz uma “musiquinha” com ajuda de minha irmã. Fiz a música, e participei aqui de Montes Claros, que tinha outras pessoas aqui do conservatório. Ela organizou uma bandinha assim para tocar comigo, junto com um outro colega nosso. Aí aqui em Montes Claros, no Marista eu fiquei em 2º lugar. Os 3 primeiros aqui de Montes Claros iriam participar em Belo Horizonte. Aí lá em Belo Horizonte eu acabei em primeiro lugar (ANDRADE, 2018).*

Para melhor ilustrar a posterior fala de Tião, é importante citar um pouco sobre a finalidade e surgimento do conservatório: o primeiro conservatório de música tinha como finalidade o aperfeiçoamento das habilidades instrumentais e de canto, formando artistas que pudessem satisfazer às exigências do culto e do teatro; era gratuito e aberto a ambos os sexos:

Art. 1º O Conservatório tem por fim o ensino da música vocal e instrumental, e sua propagação e aperfeiçoamento no Império.



Art. 2º O ensino da música é gratuito, e será facultado a ambos os sexos, sem distinção de nacionalidade. (PROJECTO DE ESTATUTOS, 1855, p.1)

Ainda nos dias de hoje aos alunos é tido como meta “adquirir as habilidades necessárias para a execução instrumental em detrimento de uma educação musical que contemple o indivíduo como um ser atuante, reflexivo, sensível e criativo”. Já ao professor a missão é de passar os conhecimentos necessários para tal. Nesse sentido os currículos priorizam a prática instrumental, passadas de modo linear e dissociadas da contemporaneidade. As disciplinas curriculares priorizam o ensino da música europeia com uma visão mais elitista e seletiva do saber (ESPERIDIÃO, 2002).

Apesar da gratuidade desde a fundação do primeiro Conservatório de Música, estes desde seu início e com reflexos até nos dias de hoje, sempre foram vistos como uma “escola para ricos”. Tal título pode ser atribuído ao currículo, ensino de instrumentos elitistas, e moldes europeus. Mas provavelmente o principal motivo são os primeiros alunos que eram pertencentes as altas camadas sociais, o que fez assim com que boa parte da população desconhecesse sua gratuidade.

Voltando a Tião, ele relata que a mesma professora de Artes do concurso de música, o incentivou a ingressar no conservatório, e que na ocasião (década de 1970) nem cogitava a hipótese desse ingresso devido à popularidade de “escola para ricos” atribuída a ela. Mas que ainda assim a sua professora fez a sua inscrição sem que ele soubesse:

Um belo dia ela falou: “O Tião, porque você não entra no conservatório?” eu pensei na resposta, aí falei: “O Regina (ela chamava Regina Coelho), eu nunca pensei nisso não”. Até então o conservatório tinha um certo conceito, era visto como uma escola para rico, porque predominava o piano que era e sempre foi um instrumento caro. E ainda tinha aquela coisa na década de 70, ainda tinha aquela coisa que só mulheres e filho de rico que estudava piano, e o pessoal passava e ouvia mais só piano e canto. Aí as pessoas achavam que o conservatório era uma escola paga, não procuravam, não sabia que era gratuito. Até hoje tem pessoas que perguntam quanto é que paga para estudar aqui... Aí, enfim, falei, “o Regina eu nunca entrei porque não pensei nisso não”. Aí um belo dia ela me ligou e falou: “O Tião, te inscrevi no conservatório, você não vai vir fazer a prova não? É hoje!” Aí eu vim, mas ela tinha me inscrito em piano, me conheceu no violão, mas me inscreveu em piano; mas fiz a prova, passei e estudei piano (ANDRADE, 2018).

Posteriormente, Tião Andrade passou a fazer juntamente as aulas de piano, aulas de violão, este que é o seu instrumento favorito, e que ele realmente tinha intenção em aperfeiçoar:

Aí eu tinha um amigo que já fazia conservatório e fazia violão e me falou: “Ua Tião, você tem que estudar violão, seu instrumento é violão...” Ele fazia violão clássico (na época chamava clássico o técnico de hoje). Aí falei, “mas Regina me pôs no piano”. Aí no ano seguinte entrei no violão. Nessa época podia fazer 2 instrumentos, era bom demais! Isso foi em 1974, eu já estava com 23 anos de idade, meio velho para o conservatório. Fiquei estudando violão e piano. Então eu terminei o que na



época a gente falava o “primeiro grau” de piano. Eu estudei uns 3 anos de piano, mas não desenvolvi muito não. Minha professora me colocava lá no céu né, porque realmente eu tinha muita musicalidade, a parte teórica eu desenvolvi muito rápido, no meu primeiro ano eu já transcrevia partitura a mão... Eu tirava as músicas para o piano, mas eu não tinha habilidade técnica para tocar, mas eu via o violão, tirava para piano e levava para a professora tocar. Na época Ivan Lins <sup>3</sup>era um sucesso doido, ele tinha um piano bacana... Aí chegou em um certo tempo como eu não tinha instrumento para tocar, eu cheguei a seguinte conclusão: eu não tinha um piano para tocar, e para desenvolver eu teria que comprar um piano, aí pensei “se eu tiver dinheiro para comprar um piano, eu acho que vou comprar um bom violão...” que era o instrumento que sempre gostei (ANDRADE, 2018).

Tião relata que devido a sua habilidade e facilidade para o aprendizado do proposto (e além dele), após poucos anos do seu ingresso como estudante no conservatório ele passou a ser também docente no mesmo. Indicado pelos próprios professores da instituição, na época o critério de seleção era de acordo com o julgamento e consenso entre eles, que escolhiam e convidavam a pessoa que julgavam ser apto para tal função.

Ao observar o relato de Tião sobre a seleção de novos profissionais para atuação docente, fica uma reflexão sobre o quão justo é esse modo de seleção. Apesar de todo mérito contido na escolha pessoal dele como professor do CELF, é inegável a margem para escolhas não tão acertadas e a utilização de critérios muito menos relevantes do que aqueles que levaram a ofertar à Tião a vaga para docência:

Mas então eu entrei no conservatório em 1974 e em 1977 eu já comecei a dar aula. Você me perguntou sobre minha inserção, como que foi: nessa ocasião a forma mais usada, mais direta para dar aula no conservatório era por indicação dos professores, quando eles precisavam de alguém para dar aula eles conversavam com os professores. Era por indicação dos professores. Fazia uma pesquisa com os professores para ver se tinha algum aluno em destaque. Aí fui indicado na ocasião (ANDRADE, 2018).

Ao deparar com tal relato fiquei interessado em saber mais sobre o critério de seleção de professores, perguntei a Tião sobre a existência de alguma exigência formal, curricular, para essa atuação docente. Ele me respondeu:

Não, na época o sistema de ensino ainda utilizava muito o que eles chamavam de professor leigo. Aquele que não tinha nenhuma formação formal né, acadêmica, que igual hoje tem que ter uma licenciatura, uma licenciatura plena... Naquela ocasião não, aqui na cidade tinha uma escola, se precisava de um profissional, eles iam atrás do melhor, o mais capacitado, que era determinado por indicação, quase como um notório saber... Então eu fui por indicação dos meus professores. O conservatório tinha na época um curso de educação artística, que hoje tem outro nome, foi remodelado. E esse curso de educação artística quando ele foi fundado, ele migrou para nível superior e foi para Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Na época FUN, “Fundação de Universidade do Norte de Minas” e depois estadualizou e virou Unimontes... Ai a diretora do conservatório fundou esse curso lá, que tinha as mesmas características, trabalhava essa parte de artes plásticas e música (na ocasião se não me engano era essas duas vertentes)... E ai eu fui colocado para dar aula de violão na área musical no curso de educação artística. Era

<sup>3</sup> Ivan Guimarães Lins é um cantor, pianista e compositor brasileiro, e um dos artistas brasileiros de maior sucesso no mundo.



um curso de nível de segundo grau na época, como se fosse um curso técnico, mas na época não chamava assim (ANDRADE, 2018).

Interessante observar o relato a seguir de Tião a respeito do seu ingresso no conservatório para substituir o antigo professor de violão clássico, visto que esse professor era um médico e não apresentava nenhuma formação para ser docente em violão. Porém, era um notório instrumentista. O que reforça a afirmativa de Tião em relação às exigências e modo de seleção dos profissionais na época.

Ai quando foi no ano seguinte, em 1978, o nosso professor de violão clássico, era um médico e professor de violão clássico. Ele tinha uma formação de aula particular, ele não tinha uma formação acadêmica musical não, mas era um excelente instrumentista, tocava muito bem. Ele foi o primeiro professor de violão clássico do conservatório, só dava aula final de semana; aí ele mudou para uma cidade mais para a frente, chamada Gouveia. Aí abriu sua vaga e eu fui chamado para dar aula no lugar dele no clássico (ANDRADE, 2018).

Assim, Tião passou a ter dois cargos como professor. Contudo, com a saída do antigo professor, tendo Tião assim ocupado essa vaga no conservatório, o fez perder o seu mestre, já que o antigo professor de violão clássico, que ele o substituíra, era também o seu professor.

A dedicação ao aperfeiçoamento como instrumentista e professor fica muito claro ao relatar que após um tempo, incomodado com a situação de não mais ter um professor, e sentindo a necessidade de melhorar sua metodologia didática, Tião sugeriu a então diretora do conservatório que trouxesse um professor de fora para atuar no conservatório, oferecendo inclusive ceder o próprio cargo para esse professor, se necessário, para que isso aconteça.

Um dia eu conversei com a diretora para saber se não seria possível arrumar um professor de violão de Belo Horizonte também. Mas aí ela respondeu que era uma boa ideia, mas o problema é que tinha que ser pelo menos um cargo completo para ele vir de lá para cá e compensar. E nessa ocasião a gente tinha 2 cargos de violão aqui, um meu e um de um amigo meu. Aí falei com ela, olha Dona Marina, se for necessário, eu até renuncio a um cargo meu para ele pegar e tal. Mas a gente vai fazer uma promoção aí, fazer uma propaganda para ver se a gente arruma mais alunos... Ai ela achou isso uma “coisa de outro mundo”. Porque eu já era casado, tinha filhos... E eu até ficava sem graça porque em toda reunião ela citava isso, que eu renunciei a um cargo para trazer um professor para reciclar os conhecimentos. E eu ficava muito sem graça, nunca gostei de aparecer... (ANDRADE, 2018).

Tião conta que devido a algumas propagandas na TV e divulgações de outras maneiras, tornou viável a vinda desse novo professor sem a necessidade de que ele renunciasse a seu cargo. Ele relata que a vinda desse professor foi um divisor de água para o conservatório, pois, o mesmo foi um dos primeiros formados em violão a nível acadêmico do Brasil. Era um rapaz muito estudioso, e que devido a Tião ser o responsável sempre por buscá-lo na rodoviária e a levá-lo para compras no Mercado Municipal antes de sua partida, eles fizeram muita amizade.



Tião cita que o novo professor o oferecia materiais novos, como vídeos, partituras, entre outros. E que isso o ajudou muito não somente para seu acervo pessoal, como para todo o conservatório.

Eu fiz certa amizade com ele, porque eu que levava ele no mercado. Ele comprava coisas regionais: carne de sol, pequi, queijo, rapadura. Eu era meio que o “Ciceronio” dele na cidade. O Lindolfo toda vez que chegava aqui trazia uma fita cassete com gravações de violão e um punhado de Xerox com partituras, e foi aí que comecei a conhecer as obras e os principais violonistas que existia... Porque com o professor anterior que a gente tinha, ele trabalhava com materiais que ele conhecia, que eram métodos mais técnicos e algumas músicas do repertório dele, algumas poucas que eram mais difíceis e umas que ele tocava, com trêmulo, umas músicas muito difíceis que ele tocava, que na época ninguém conseguia tocar o que ele tocava [...] Mas enfim, eu sei que o Lindolfo começou a trazer bons materiais para mim e eu passei a conhecer bons violonistas, porque até então o bom violonista que eu conhecia era meu professor, que era um bom violonista. Aí passei a conhecer outros violonistas. Via gravações e materiais interessantes, partituras, técnicas mais modernas, porque o Lindolfo fazia o curso superior de maneira formal na UFMG. E esse fato foi algo muito importante para a gente aqui no conservatório, para aula de violão. Para mim especificamente, e a partir daí, desse momento, o curso foi crescendo, a gente foi ganhando mais condições, mais segurança, fui dando aula para os alunos do antigo professor. Nós nos formamos aqui no Conservatório, pegamos o diploma de técnico com esse professor (ANDRADE 2018).

## FORMAÇÃO SUPERIOR E APOSENTADORIA NA DOCÊNCIA

“Às vezes se atarefar demais pode ter um efeito inverso ao pretendido, adiando algo que viria se feito com mais tranquilidade...” (ANDRADE, 2018). Essa frase talvez possa representar um período da vida de Tião Andrade. Em sua narrativa, ele conta que a então diretora do CELF (Dona Marina) era uma das donas do Conservatório Brasileiro de Música (CBM) no Rio de Janeiro, e na ocasião, ela acabara de fundar um curso de Violão Bacharelado para que ele, juntamente com mais dois colegas, fossem estudar lá. Isso, porém, por problemas de saúde emocional, por fim, infelizmente não se concretizou. Tal fato Tião atribuiu ser devido a seus excessos de atarefamentos na época.

Durante a narrativa ficou perceptível a chateação de Tião por não ter concluído o curso no CBM do Rio, visto que ele fez a maior parte do curso, tendo como pendência apenas 1 ano de estudos para a sua conclusão. Ao mesmo tempo, percebe-se também a satisfação de ter superado e seguido em frente com sua carreira e vida pessoal.

[...] Aí ela pegou e fundou lá um curso superior de violão para que nos fossemos estudar lá. Fomos a princípio Eu, Valmir e o Marcelo, nos três fomos estudar lá. Um bacharelado, que eu infelizmente por motivo de saúde não pude terminar. No último ano, eu fiquei doente e não terminei o curso lá... Mas lá era uma escola particular e estava ficando meio caro. Apesar de toda ajuda que a Dona Marina estava nos dando, a gente ainda tinha muitas despesas... Quando eu voltei, faltava um ano. Eu podia ter voltado e feito mais 1 ano. Mas aí ficava inviável para mim. Nessa ocasião eu já tinha 3 filhos. E eu fiquei enrolando e não fui fazer [...] Tive um período meio debilitado na questão de saúde. Eu não conseguia licença no estado, e tinha que tirar minhas férias prêmio para “gozar doença”, aí eu aproveitava e tirava férias prêmio.



Na ocasião a gente tinha 6 meses de direito de férias prêmio a cada 5 anos. E eu gastava minhas férias prêmio tudo para tratar de doença. E foi um período longo... Então foi bastante apertado meu tempo, e eu tinha vários problemas de ordem emocional, estresse, ansiedade. Era uma época que eu fazia muitas coisas: tinha os dois cargos conservatório, cargo na faculdade, estúdio de gravação em sociedade com 3 amigos... Foi o primeiro estúdio de Montes Claros, com uma estrutura muito profissional, feito por um engenheiro acústico. Não tinha uma demanda muito boa, foi mais por idealismo mesmo que a gente montou. Mas a estrutura era admirada por muita gente que vinha. Além dos 3 cargos e o estúdio, eu tocava em conjunto instrumental, estilo orquestra, de mais de 20 pessoas. A gente gravou CDs, concorremos a prêmios, que era no formato que o pessoal concorre lá fora, como CD, melhor disco. A gente ficou entre os 3 dos CDs instrumentais. Então a gente tocava com frequência, a gente tinha ensaio 2 vezes por semana, eu tocava no Grupo Banze<sup>4</sup>, fazia o curso no Rio. Então eu não tinha tempo para nada não! Ai um dia eu comecei a não me sentir muito bem e chegava a estar com passagem comprada e não ia viajar para o Rio. Foi uma passagem, um capítulo, uma parte que gerou muita dificuldade que tive em minha vida, que já superei, Graças a Deus... (ANDRADE, 2018).

Tião conta que após um período, o estado começou a exigir formação superior para os docentes do ensino básico, e que para se regularizar ele fez a sua graduação na Unimontes. Ele pode utilizar boa parte das disciplinas já cursadas no Rio, e julga o período e o curso como rejuvenescedor. Para ele, o contato com pessoas mais jovens, atuação nas outras artes (na época se cursava teatro, visuais e música em um só curso), o fez se sentir bem.

Sobre os dois cargos efetivos que têm no conservatório, Tião conta que um deles foi devido a uma efetivação antes de promulgar a Constituição de 1988, e que nesse cargo já está aposentado, mas no outro ainda não. Esse segundo cargo ele se orgulha de ter sido aprovado no único concurso que teve para o conservatório, e que apesar de ainda atuante nele, frisa que continua a dar aula com prazer:

Então, o conservatório, estou aqui até hoje, e eu lembro que o conservatório nunca teve concurso. Eu lembro que antes de promulgar a constituição de 1988, o governo de minas pegou alguns funcionários públicos que na época eles consideraram que tinha estabilidade, que tinha um determinado tempo de serviço e efetivaram, e eu entrei nessa, Graças a Deus, fui efetivado. E esse cargo que eu aposentei em 2007. E fiquei no outro que era contratado, fiz 2 concurso na área de artes da rede regular com esperança de conseguir transferir para cá esses cargos, mas nunca consegui. Aí na época da lei 100 o Governo mandou demitir o pessoal e criou uma situação injusta com a gente que dava aula, eu ia ser demitido? Não pedi para ser efetivado! Aí a própria justiça deu um jeito de reverter a situação, aí eles fizeram o primeiro concurso para os conservatórios de Minas. Sempre teve uma conversa que funcionário do estado contratado não conseguia aposentar... E eu já perto de aposentar nesse cargo... Aí eu fui e pensei que ia prestar esse concurso. Aí eu pensei: “é questão de honra passar nesse concurso”. Eu nunca me preparei para uma coisa igual me preparei para esse concurso. E eu fiz e passei, estou em estágio probatório dele agora. Coincidirá meu tempo de aposentar nele com o final do meu estágio probatório agora no meio do próximo ano. Mas dizem que funcionário efetivado tem que fazer 5 anos para requerer a aposentadoria, os 3 do estágio probatório e mais 2... Assim me falaram, não é nada oficial não. Mas assim, eu acredito que ouvi muita gente dizer. Mas não importo não. Eu gosto muito de dar aula. Dou aula com muito prazer até hoje, trabalho com mesmo entusiasmo de antigamente. Não tenho nenhuma ansiedade de aposentar não. Claro que não tenho a mesma energia, o

<sup>4</sup> O Grupo Folclórico Banzé foi criado na cidade de Montes Claros, em 1968, com o objetivo de promover a valorização da cultura popular brasileira, destacando os aspectos tradicionais das manifestações folclóricas.



mesmo pique que antes, mas como toda vida atuei nessa área, sei que o dia que eu aposentar vai ser difícil arranjar uma atividade para que eu não fique enferrujado. Por sorte eu gosto muito de mexer com arranjo, eu vou continuar fazendo os arranjos e trazendo para os meninos aqui (ANDRADE, 2018).

É admirável ouvir no relato de Tião como ele é um violonista dedicado, não somente em seu desenvolvimento pessoal como instrumentista, mas também como docente. Mostra-se como um professor preocupado, sempre buscando facilitar, respeitar e contribuir para o desenvolvimento dos seus alunos.

Um bom exemplo é quando relatado que preferiu um cargo no conservatório a um na Unimontes, motivado pelo fato que no conservatório seus alunos se dedicavam mais ao estudo instrumental e assim ele poderia ajudá-los com maior intensidade, percebendo seu desenvolvimento de maneira mais branda.

Mas talvez o que tenha chamado mais atenção foram os seus arranjos musicais. Tião possui um acervo de partituras que são arranjos criados por ele, esses nos quais ele organizou e montou três cadernos: um de “violão solo”, um “duo de violões” e um de “músicas fáceis”, também para violão solo.

Tais arranjos surgiram devido a uma carência de material didático e um limitado repertório específico para o instrumento violão existente na década de 1970 no CELF. Os métodos que possuíam na época eram trazidos de Belo Horizonte, onde era “aproveitada” a viagem de algum conhecido à capital. Os conteúdos desses livros trazidos restringiam-se a alguns estudos didáticos da escola tradicional do violão e exercícios técnicos de mecanismo. As partituras ou eram fáceis demais, onde quase todo mundo executava, ou eram difíceis demais, a ponto de somente o professor ou poucos outros se arrisarem na execução (ANDRADE, 2018).

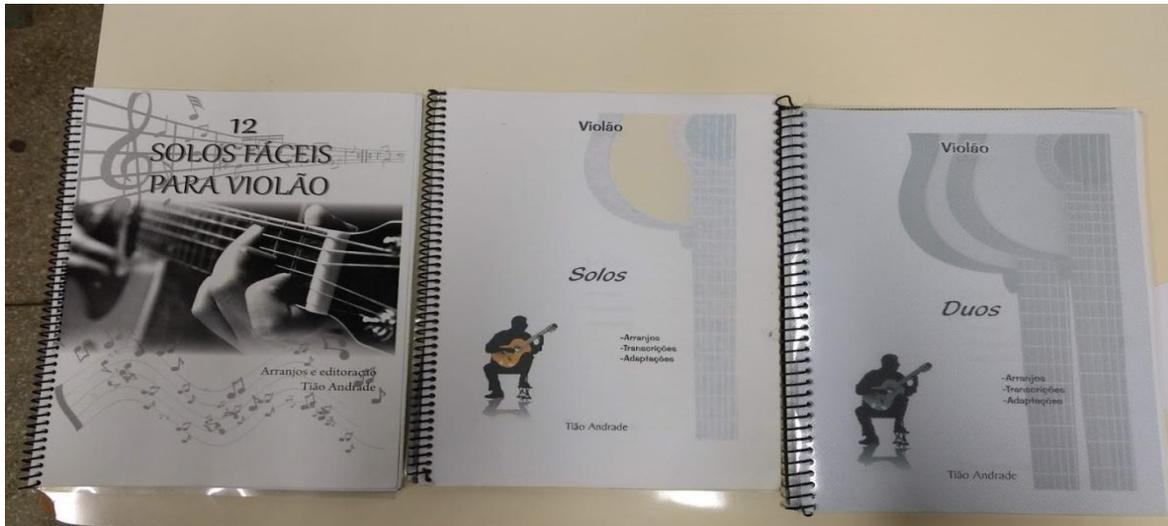
Mais tarde, como professor, Tião percebeu o quanto o repertório disponível no conservatório era limitado e pequeno. A grande maioria dos pedidos de músicas específicas feito pelos alunos para seus estudos não contavam com partituras disponíveis. Além do mais, esses pedidos normalmente referiam-se a músicas mais populares, e que, habitualmente não se incluíam no repertório chamado “erudito”.

A partir daí Tião começou a elaborar arranjos que atendessem aos desejos manifestos destes alunos, assim, foi percebido o quão importante é a inclusão no planejamento de ensino, da escolha de um repertório individualizado que esteja ao alcance do estudante, e que, ao mesmo tempo, contribua para a sua formação atendendo às suas expectativas de realização pessoal (ANDRADE, 2018).

Tião relata que na época era promovido com frequência audições públicas e recitais de conclusão do curso. Observando a ansiedade e nervosismo dos participantes ao se



apresentarem no palco, ele passou a “improvisar” acompanhamentos, a título de 2º Violão, com o intuito de proporcionar maior segurança e apoio psicológico àqueles menos acostumados à tensão e “solidão” desses momentos. “Com o tempo, isso foi se tornando um exercício útil e prazeroso”, relata Tião; assim, com a junção dos vários acompanhamentos para essas ocasiões surgiu o caderno de duos.



**Figura 01:** Os três cadernos contendo a junção dos arranjos criados por Tião Andrade. Eles são utilizados em vários conservatórios e na Unimontes no curso de Artes Música.

**Foto:** Arquivo pessoal (2020).

O intuito de Tião com os arranjos sempre foi de aprimoramento pessoal e principalmente de auxílio a seus alunos. Por isso, nos próprios cadernos ele deixa claro o seu propósito que jamais visou nada além de uma complementação didática e um exercício de aprendizagem pessoal. E que, nunca houve qualquer pudor ou auto restrição de “copiar” boas ideias de grandes instrumentistas e arranjadores.

Através dessa entrevista narrativa foi possível perceber o quanto, para muito além do seu tempo atuante, atitudes de um bom profissional podem fazer a diferença. Tião Andrade com certeza fez e faz através do seu empenho e dedicação para com o aprendizado e método didático, um legado que influencia e influenciará a utilização de bons métodos de se ensinar violão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tião nos mostrou (ou fez lembrar) através de seu relato que nossa experiência de vida e a bagagem que você traz através dela impacta diretamente no seu modo de atuar profissionalmente. Falando especificamente na área de docência musical em termos de prática instrumental: foi possível constatar que mesmo bons instrumentistas quando partem para docência necessitam de reciclagem dos seus conhecimentos com alta constância, tendo em



vista principalmente as particularidades e peculiaridades de cada discente, e assim, criando a necessidade de adaptação da sua aula e métodos de ensino para cada um. Afinal, muitas vezes à docência vai se configurando e se modelando com o passar das experiências de vida, trabalho e de interlocução com os estudantes e como estudante.

Importante observar também que apesar de importante e evidentemente causar algum tipo de impacto. Nem sempre a boa atuação como docente está atrelada a uma formação ou titulação acadêmica. Por algumas vezes (ou quase sempre) esta atuação é construída e tem sua maior parcela de relevância atrelada a sua história de vida e a sua dedicação para com a profissão. Pois, há diversas formas de se reciclar, e nada como a prática e o olhar para com o outro com respeito às suas dificuldades, para construir uma metodologia de ensino adequada. Acredito que essas são as principais reflexões que Tião nos ensina em seus relatos tendo em vista principalmente, o seu exemplo.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Tião. Montes Claros, 27 de Dezembro de 2018. **Gravador de áudio**. Entrevista concedida a Daniel Lopes.

ARAÚJO, R. M. B. Tornaram-se professores(as): narrativas e saberes dos(as) graduandos(as) do curso de Pedagogia. In: Regina Magna Bonifácio de Araújo; Célia Maria Fernandes Nunes. (Org.). **Narrativas de professores em formação: O significado de ser Pedagogo**. São Paulo, SP: Paco Editorial, 2015, p. 51-66.

DUARTE, V. M. N. **Pesquisa Qualitativa e Quantitativa**. 2015. Disponível em: <http://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>. Acesso em: 13 de jan. 2019.

ESPERIDIÃO, Neide. Educação profissional: reflexões sobre o currículo e a prática pedagógica dos conservatórios. In.: **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 7, 69-74, set. 2002.

MUYLAERT, C. J.; SARUBBI JUNIOR, V. ; ROLIM, M. L. ; GALLO, P. ; REIS, A. O. A. . A importância das narrativas em pesquisa qualitativa. In: [Anais...] 3º Congresso Ibero-americano em investigação cualitativa, 2014, Badaroz, 2014. v. II. p. 101-105.

**PROJECTO DE ESTATUTOS do Conservatorio de Música**. Organizado para cumprimento do art. 15 do Decreto nº 1542 de 23 de janeiro de 1855, e mandado por em execução provisoriamente pelo aviso de 16 de julho de 1878. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1878.

**Artigo Recebido:** 03 de abril de 2021.

**Artigo Aceito:** 23 de maio de 2021.

